

da reforma, contava com um ou dois semestres de estágio localizados nos últimos semestres.

Consequentemente, em virtude de um maior tempo dedicado à formação prática docente surgem novas modalidades e possibilidades de atuação. A escola pública aparece como opção comum em todos os currículos para a realização de, pelo menos, 50% das horas do estágio. Outros locais de atuação são mencionados como instituições governamentais e não governamentais e contextos educativos não escolares. Incluem-se, nesses casos, atividades de música em oficinas, projetos comunitários, projetos de extensão universitária, cursos, entre outros.

Outro acordo geral entre os princípios de formação docente é a observação que permanece como elemento metodológico após a efetivação das reformas curriculares. Em todas as propostas, a ação de observar está presente, seguida de reflexão e problematização. Ainda que não se discuta a metodologia em relação à observação, pode-se afirmar que esta é apresentada como atividade preparatória para a intervenção pedagógica propriamente dita em cada uma das universidades em questão.

A área de música enfrenta determinadas peculiaridades em relação a outras áreas. Por exemplo, o fato de a aula de música – e, por consequência, o professor de música – não estar presente em todas as escolas públicas faz com que o estágio, quando realizado nesse espaço, incluindo aqui a atividade de observação, seja pensado de forma alternativa, rompendo assim com o modelo tradicional de observar uma “boa aula” ou trabalhar com um “excelente” profissional. Muitos outros aspectos sobre o estágio curricular supervisionado em música serão abordados no decorrer deste livro, entre eles, como o planejamento, o registro, a orientação, os espaços, a pesquisa, todos eles exemplificados a partir da realidade das instituições de formação de professores em música no Brasil.

Capítulo 3

Letícia Avelar
MEMES II
(2013-21)

A ORIENTAÇÃO DO ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE MÚSICA

Vania Malagutti Fialho

O estágio caracteriza-se como um momento fundamental na formação do professor de música. É no estágio que o acadêmico coloca em prática os saberes musicais e pedagógico-musicais aprendidos durante sua licenciatura, testando, analisando e comprovando as informações assimiladas teoricamente. É quando a teoria começa a dialogar com a prática, envolvendo o acadêmico, o espaço onde o estágio se realizará – com todas suas particularidades e complexidades – e a universidade, representada pelo professor orientador. A relação entre o estágio em si (local, espaço, tempo, proposta) e a prática pedagógico-musical do licenciando na sala de aula é mediada pelo professor orientador.

A orientação no estágio é também conhecida como “supervisão de estágio”. Essa terminologia vem de uma abordagem positivista na qual a teoria está desvinculada da prática, o sujeito do objeto e as ações da reflexão. Nessa abordagem prevalece a ideia de que independentemente da realidade onde a prática pedagógica está se efetivando, utilizam-se e aplicam-se conteúdos e procedimentos metodológicos estudados, sem refletir sobre a adequação e a implicação dos mesmos naquele contexto. Assim, o professor supervisor tem a finalidade de verificar se os procedimentos, os conteúdos e as abordagens estão sendo utilizados corretamente. Ele supervisiona a prática, sustentando a teoria estudada. Sá-Chaves (1999), ao se referir ao supervisor, utiliza como metáfora o efeito zoom da máquina fotográfica, que permite uma “supervisão”, neste caso, da prática pedagógica.

MEMES - II (2013-2)

Pimenta e Lima (2004, p.115) lembram que o termo supervisão possui uma “conotação negativa e autoritária”. Segundo as autoras, é uma herança da “pedagogia tecnicista, que reforçou, inclusive, o estágio como componente ‘prático’, e isolado das disciplinas ‘teóricas’ dos currículos”. Além disso, o termo professor supervisor traz o sentido de superior, que detém o saber, dono de uma “visão super”.

Buscando fugir do termo supervisão e da conotação e filosofia nele embutidas, se tem buscado substituir as palavras “estágio supervisionado” por “estágio reflexivo”, “prática reflexionada”, “prática orientada” e ainda “estágio intersetorial” (Pimenta e Lima, 2004). Neste último, segundo o professor José Tancredo Lobo, em depoimento a Pimenta e Lima (2004), o orientador assume o papel de coordenador de estágio, que fará a ponte entre os alunos, a prática, a teoria e a realidade (p.115). Essas substituições buscam encontrar termos que não somente abandonem a palavra supervisão, mas que reflitam e efetivem novas abordagens a respeito da prática pedagógica.

O papel do orientador

A orientação na formação de professores caracteriza-se como parte fundamental do processo de formação docente em música. Constitui-se na reflexão conjunta na qual o professor orientador conduz o licenciando a considerar e refletir sobre sua prática pedagógico-musical a partir de outros ângulos de visão. É o momento em que o professor orientador sugere, mobiliza saberes e conhecimentos adquiridos na universidade e fora dela, acena para o licenciando e o orienta. Conduz aproximações e distanciamentos com a prática pedagógico-musical vivida e desenvolvida pelo aluno estagiário. Confronta a teoria com a prática, analisa a atuação pedagógica à luz das teorias e constrói novas teorias junto com o aluno estagiário.

Nesse sentido, a orientação tem a finalidade de levar o aluno estagiário a gerir novos conhecimentos a partir da avaliação e análise da realidade que vivencia em seu campo de estágio. As-

sim, o orientador não se atém a direcionar e fiscalizar se os conteúdos específicos estão sendo transmitidos pelo estagiário, mas busca promover um profissional “prático-reflexivo” que reflète sobre suas ações antes, durante e depois de sua atuação em sala de aula (Schön, 1999). Seu objetivo é formar um professor “prático-reflexivo” que tenha autonomia para lidar com os problemas que podem surgir no dia a dia.

Para Pimenta e Lima (2004, p.127) “a função do professor orientador do estágio será, à luz da teoria, refletir com seus alunos sobre as experiências que já trazem e projetar um novo conhecimento que ressignifique suas práticas, considerando as condições objetivas, a história e as relações de trabalho vividas por esses professores-alunos”. As autoras salientam que o orientador será o mediador entre ‘a realidade social, a universidade, o conhecimento, os hábitos, as crenças, os valores, os problemas sociais vinculados às escolas (como violência e outros), as expectativas dos estagiários em relação ao estágio, a integração e a inserção da universidade no espaço do estágio.

Mateiro (2003), em pesquisa realizada junto a acadêmicos do curso de Educação Artística – Habilitação em Música, da Universidade do Estado de Santa Catarina, revela as expectativas e atribuições que os alunos estagiários delegam ao professor orientador. Para Beatriz, uma acadêmica colaboradora da pesquisa, o orientador exerce um papel importante no estágio, além de ser “a primeira referência dos estudantes em formação”.

Segundo os dados da pesquisa, cabe ao orientador “encaminhar os estudantes às instituições de ensino”, bem como “negociar a presença ou não do professor de música da escola durante as aulas do estagiário”, além de “definir que atitudes ele deve ter se permanecer na sala de aula e, inclusive, qual a autonomia do estagiário no tocante ao planejamento” das aulas, aspectos estes que deveriam ser abordados antes do início do estágio. Porém, nem sempre isso ocorre e os orientadores vão resolvendo problemas na medida em que estes vão surgindo (Mateiro, 2003, p.34).

É parte das atribuições do professor orientador compartilhar com o aluno estagiário desde sua escolha e definição do campo de estágio, do projeto e do plano de ensino a ser desenvolvido, às relações político-pedagógicas com o campo de estágio e o acompanhamento de toda a prática pedagógico-musical.

Muitos alunos estagiários queixam-se das dificuldades que encontram em suas práticas pedagógico-musicais em espaços com grande número de alunos e com características heterogêneas, como a escola. Aqui a função do professor orientador é instrumentalizar o licenciando a refletir sobre o contexto do estágio e sobre a realidade da sua prática de múltiplas maneiras. Ou seja, o estudante em formação precisa ver, ouvir e refletir globalmente a respeito do espaço onde atua e da sua própria atuação.

É comum os alunos estagiários ficarem paralisados frente aos desafios de ordem social que se apresentam em vários locais de estágios (ONGs, escolas, projetos sociais). Em relação a esta realidade Souza (1997, p.16) escreve que “as competências exigidas vão muito além dos tradicionais cânones das disciplinas didáticas”. Souza acredita que são necessárias “competências específicas (como o domínio técnico através da prática de um instrumento musical), competência metodológica (metodologia do ensino da música) e competência social (conhecimento de fundamentos de Psicologia e Sociologia)”. Frente às demandas não há outra solução a não ser “a figura do professor [orientador] colocar-se como a de um mediador”.

Em outro texto, Souza (2000) apresenta seis aspectos a serem levados em conta na prática pedagógico-musical. O primeiro diz respeito à necessidade de se construir situações didáticas, considerando que elas são singulares. O segundo refere-se à importância da prática e do planejamento pedagógico-musical estarem submetidos à política pedagógica. Isso porque muitas propostas pedagógicas precisam ser negociadas com as políticas municipais, estaduais e nacionais. O terceiro aspecto relaciona-se à ética, no qual há de se considerar que situações inesperadas ocorrem todos os dias e que o professor precisa saber lidar com o inusitado. No

? (cf. Minin)
quarto aspecto está a necessidade de a formação de professores envolver a epistemologia do conhecimento musical. Como quinto aspecto está a transposição didática e, como sexto, estão as diferentes teorias da aprendizagem em espaços escolares e não escolares.

Em todos esses aspectos parece que a mediação do professor orientador é fundamental. É evidente que esses pontos levantados por Souza (2000) devem ser abordados ao longo do curso de licenciatura em música, mas é na situação concreta da prática pedagógico-musical que os alunos estagiários vão se deparar com a necessidade de lidar com os mesmos. A experiência, a fundamentação teórica, a titulação e o papel que o orientador deve desempenhar na formação do professor de música confere a ele o direito e o dever de mediar os aspectos citados.

Na orientação também se inicia a construção do significado de ser professor. É na prática pedagógica que a identidade profissional começa a tomar forma. É onde a significação social do que é ser professor começa a ter sentido. Onde escolhas e decisões são tomadas conscientemente após reflexões conjuntas. Onde as práticas pedagógicas já consagradas e as práticas inovadoras, que vêm atender a demanda que a realidade de estágio requer, se encontram e dialogam entre si (Pimenta e Lima, 2004).

Contudo, a identidade profissional não depende estritamente da orientação profissional na formação docente. Ela é construída ao longo da vida “pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente em seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida ser professor” (Pimenta, 1999).

Modelos de Orientação

Os tipos de orientação podem ser discutidos a partir de várias abordagens. Seja a partir das perspectivas ideológicas e enfoques específicos, seja a partir de formatos de orientação

MEMES - II (2013-2)

(individual ou grupo). Diversos autores têm discutido e refletido sobre as diferentes formas de se conceber e desenvolver o conhecimento, dentre eles Pérez Gómez (1995, 2000a, 2000b), Gimeno Sacristán e Pérez Gómez (2000), Schön (1995, 2000), Zeichner (1990, 1993, 1994, 1995). Especificamente na educação musical pode-se citar Mateiro (2002, 2003).

Racionalidade técnica versus racionalidade prática

Durante muitos anos a formação docente e o ensino de modo geral tem se fundamentado em uma "racionalidade técnica que concebe o exercício profissional como uma atividade meramente instrumental", na qual se aplicam metodologias preestabelecidas (Almeida, 2001, p.2). Essa concepção tem suas raízes no positivismo no qual a teoria é separada da prática. Nela, os pesquisadores elaboram planos de trabalho, desenvolvem metodologias, métodos, teorias e conhecimentos e os professores se apresentam somente como executores.

Nessa concepção, os pesquisadores, e, portanto, as teorias, metodologias e planejamentos estão supostamente em um plano hierárquico superior à prática e seus saberes. Os professores em sala de aula não são considerados profissionais reflexivos, e muitas vezes não o são porque não receberam formação para tal. É negada a subjetividade dos mesmos e de suas práticas pedagógicas e contextos de ensino. Seu trabalho é calcado em ensinamentos, metas e objetivos pedagógicos externos à sua realidade. Para Almeida (2001, p.2) essa concepção "ao invés de buscar métodos, princípios e técnicas que atendam às necessidade de uma dada realidade, faz o movimento inverso: procura enformar a realidade às teorias, técnicas e métodos, já que, sendo considerados universais, poderiam atender a toda e qualquer realidade".

Nesse formato, pode-se considerar o professor orientador como um "chefe" que transmite as tarefas e os procedimentos a serem desenvolvidos independentemente da realidade do campo de estágio. O aluno estagiário é aqui um executor, a mão de obra a serviço daquilo que é considerado certo, correto, instituído.

Nos planejamentos os alunos estagiários são orientados dentro do rigor de metodologias, abordagens e conteúdos preestabelecidos, sem levar em conta as especificidades do contexto no qual atuam. Nas observações das aulas desses alunos, o professor orientador verifica e analisa basicamente se o que foi planejado está de fato sendo efetivando na prática. Não observa as características peculiares daquele universo pedagógico. Especificamente nos estágios em música, não se leva em consideração o contexto musical dos alunos atendidos pelos estagiários. As canções, os cânones, os instrumentos e outros aspectos musicais são determinados sem ouvir e ver quem são os alunos.

Esse modelo tem sido questionado e refutado pelas práticas pedagógicas atuais. Dentre os motivos estão o fato da valorização da teoria em detrimento da prática e a imposição de modelos genéricos para situações singulares (Almeida, 2001). Em contrapartida, diversos autores têm proposto um modelo centrado na racionalidade prática, que considera a existência de um saber intuitivo, experienciado, construído e comprovado pela prática (Almeida, 2001). Nesse formato, o professor torna-se um investigador da sua prática pedagógica, na qual ele analisa todas as suas ações, desde o planejamento de suas aulas, até a concretização das mesmas e seus resultados. O professor de sala de aula torna-se também um agente ativo na produção do conhecimento, constituindo-se em um "prático-reflexivo" (Schön, 1999).

Schön (1999) é um dos autores que defende essa concepção de formação de professores. Ele acredita que é fundamental que o professor receba uma formação que o habilite a refletir e a ter uma postura crítica sobre suas ações. Nesse sentido, a teoria é insuficiente para a prática pedagógica. O professor precisa desenvolver a capacidade de encontrar soluções para os problemas do dia a dia e considerar a realidade em que estiver inserido. É por meio dessa prática reflexiva que o professor analisa e considera suas ações e reações frente a seus alunos, assim como as ações e reações de seus alunos frente a sua atuação pedagógica.

Nesse modelo, o professor orientador de estágios assume uma postura de mediador, na qual as situações de ensino são consideradas a partir de suas singularidades. Ou seja, o aluno estagiário é levado a considerar, no mínimo, quem são seus alunos e quais suas preferências musicais.

No acompanhamento do estágio – desde o planejamento – o orientador assume a postura de encaminhar a reflexão do aluno estagiário. Ele levanta questões que levam o estagiário a reviver sua aula e analisar suas ações e reações, assim como as de seus alunos, antes de planejar a próxima aula. Mateiro e Téó (2003, p.94) lembram que “a falta de discussão – anterior à prática – dos planos de aula pode ocasionar o confronto com o erro no interior da classe, face a face com os alunos, e o estágio pode tornar-se, antes de um campo de experiências, uma sequência de traumas”.

Inicialmente, essa concepção de ensino estava centrada nas metodologias, currículos e ações dos professores em sala de aula. Contudo, percebeu-se a necessidade de uma ampliação. Fez-se necessário considerar o contexto no qual se dá a prática de ensino. Fez-se também necessário olhar para a escola como um complexo dentro de uma sociedade, analisando a relação entre elas – escola e sociedade. Começou-se, então, a levar em conta os aspectos próprios a cada instituição de ensino, sejam culturais, sociais, políticos ou organizacionais.

Nesse sentido, o professor orientador conduz o aluno estagiário a refletir sobre seu campo de estágio como um todo, analisando, inclusive, as relações que estabelece com a sociedade na qual está inserido. Para isso é fundamental que o orientador – e, então, a formação docente – contribua para o desenvolvimento de três aspectos importantes para a docência: o pessoal, o profissional e o organizacional (Nóvoa, 1999). Os dois primeiros só terão sucesso se o último também estiver contemplado. Isso porque as implementações e efetivações das ações pedagógicas planejadas precisam estar articuladas politicamente e pedagogicamente com toda a estrutura da instituição de ensino.

Formatos de orientação

Nos cursos brasileiros de licenciatura em música diversos formatos de orientações de estágios têm sido adotados. Isso porque os cursos estão em regiões e situações socioeconômicas, educacionais e culturais distintas. Por exemplo, o número máximo e o número mínimo de alunos por orientador diferem de curso para curso, uma vez que o mesmo pode ser determinado de variadas formas, sejam as resoluções das universidades/faculdades em que os cursos estão inseridos, a demanda de orientadores, de alunos ou de espaços nos quais o estágio pode se realizar, além da filosofia e da ideologia que fundamentam cada curso.

Além disso, o formato pode se diferenciar quanto à questão de quem são os orientadores. Há cursos em que o estágio é de responsabilidade de professores da faculdade de educação, que orientam no que diz respeito à prática pedagógica e não necessariamente à prática pedagógico-musical. Nesse caso há de se considerar que esse orientador pode estar orientando acadêmicos de diferentes cursos, que atuam com diferentes conteúdos e em espaços distintos. Em outros cursos o professor orientador é especificamente do departamento de música, com formação em licenciatura em música e/ou mestrado e/ou doutorado em educação musical.

Em diversos cursos de licenciatura em música no Brasil os estágios são regidos por uma resolução que determina o número máximo de alunos por orientador e, em muitos casos, esse número não ultrapassa a 10. Outro aspecto que também é diferenciado é a orientação que se realiza em dois momentos semanais distintos e complementares: uma em grupo (duas horas-aula) e outra individual (uma hora-aula).

Nas orientações em grupo, comumente são discutidos aspectos gerais dos estágios, leituras e reflexões de textos relacionados às metodologias de ensino, à profissão de professor, aos contextos de atuação. Além disso, fazem-se estudos e reflexões de práticas pedagógicas diversas e dos próprios estagiários, desenvolvem-se laboratórios de aulas de música, em que os alunos ministram aulas

entre si e posteriormente, realizam uma análise da mesma. Na orientação individual o foco é a prática pedagógica do estagiário, levando em conta os aspectos específicos do seu espaço de atuação, suas ansiedades e dificuldades, além da orientação de seus planos de aulas e análise dos relatórios e avaliação das aulas já ministradas. Nas orientações individuais também são sugeridas leituras que possam contribuir para a prática do estagiário.

Esse formato tem se mostrado produtivo na medida em que os estagiários podem desenvolver projetos de estágios distintos, uma vez que as orientações individuais podem se concentrar na especificidade musical, pedagógica e contextual de cada orientando. Os projetos individuais contribuem para discussões coletivas nas orientações em grupos, diversificando as práticas e contextos de atuação e gerando uma reflexão sobre situações pedagógico-musicais distintas e concretas.

Paralelo às orientações, os orientadores fazem visitas regulares aos espaços de atuação dos estagiários. Assim, ao longo de cada semestre é comum o professor orientador assistir a quatro ou cinco aulas de cada orientando. Esse número não é fixo e varia de acordo com a necessidade de cada estagiário ou local de estágio ou, mesmo da resolução de cada instituição, ainda que seja apenas uma referência e não uma norma rígida a ser cumprida.

Há casos em que, inicialmente, em comum acordo com o estagiário e o local de estágio, o orientador fica presente em várias aulas seguidas. Em outros, três visitas são suficientes para o acompanhamento e a orientação do processo de estágio. Essas visitas são combinadas e agendadas previamente com os estagiários.

Outro formato adotado são as orientações semanais e individuais sem que os orientadores visitem os locais de estágios. Nesse caso, o acompanhamento é similar ao destinado às pesquisas acadêmicas de campo, nas quais o orientador irá contribuir a partir dos dados, relatórios, gravações em áudio e vídeo e fotografias trazidas pelos acadêmicos, podendo ainda contar com um relatório ou parecer do professor da escola que acompanha o estagiário. Assim, cabe ao estagiário o cuidado de contextualizar sua aula e

espaço de atuação de tal forma que o orientador possa ter uma imagem muito próxima do real para melhor orientá-lo.

Há também os orientadores que assistem a todas as aulas de seus estagiários e, na sequência, já as discutem e orientam. Aqui há que se ter o cuidado de delegar ao estagiário a autonomia da aula, evitando interferências. Nesse formato é importante levar em consideração que alguns estagiários podem se intimidar e ter dificuldade de atuar devido à presença do orientador.

Em qualquer desses formatos de orientação, o acompanhamento do orientador está presente em todas as etapas, desde a escolha do local do estágio, a observação deste local, o planejamento, o desenvolvimento e até a avaliação do mesmo.

Considerações finais

Parece não haver dúvidas de que a orientação é de suma importância na formação do professor de música. O papel do professor orientador vai além da função de transmitir conhecimentos. Ele abrange o *status* de um tutor que responde pelas práticas pedagógicas de seus orientandos. Dessa forma, a relação entre estagiário e orientador caracteriza-se por ser uma relação de cumplicidade, parceria e, sobretudo, comprometimento com a prática pedagógica.

As diferentes perspectivas ideológicas e os diferentes formatos de orientação precisam estar em consonância também com o perfil e a necessidade do estagiário. Ou seja, há de se levar em consideração as características, as crenças e as ideologias do estagiário. Isso porque, se não houver uma sintonia, a relação entre orientador, estagiário e local de estágio poderá ficar comprometida.

A complexidade da orientação de estágios está no fato de o professor orientador ter uma dupla responsabilidade: a formação docente do seu estagiário e o processo e resultado da prática pedagógica para com os alunos e contexto institucional de atuação do estagiário. Assim, a responsabilidade do professor orientador, a formação do mesmo e seu comprometimento com o estágio e como estagiário podem definir o sucesso ou não das práticas pedagógicas dos professores em formação.